



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

“A Origem é o alvo”: o discurso em curto-circuito da história ou o Schlegel de Benjamin

Anna Luiza Andrade Coli¹

Resumen:

A proposta do trabalho é buscar nos elementos da teoria do conhecimento dos românticos – mais especificamente de Schlegel – a estrutura reflexiva do pensamento que está na base do acesso à verdade do objeto pensado. A ideia romântica da cadeia reflexiva que é interrompida na existência particular das obras e é novamente desencadeada pela crítica lança luz sobre o conceito de Origem (*Trauerspielbuch*). O conceito de Origem é particularmente importante para a reflexão acerca da história porque permite apreender o tempo histórico em termos de intensidade e não de cronologia. Enquanto emaranhado significativo que cristaliza as tensões da configuração histórica dada no momento da gênese do objeto e que devem ser visadas pelo historiador materialista, a Origem é, de fato, o *alvo* no sentido de que somente a abordagem crítica da história pode desemaranhar esse núcleo constitutivo e engendrar o presente saturado de “agoras”, capaz de “despertar no passado as centelhas da esperança”. Nesse resgate re-significativo do passado está sua fraca força messiânica e a “oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido”. O procedimento do historiador, no entanto, não é o da crítica romântica, mas o da rememoração, que resguarda um apelo necessariamente crítico.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da profa. Virgínia de Araújo Figueiredo. Bolsista da Capes/CNPq.



“A Origem é o alvo”: o discurso em curto-circuito da história ou o Schlegel de Benjamin

A presente comunicação tem a intenção de abordar a obra “Sobre o conceito de história” do ponto de vista do problema da escrita filosófica como apresentação da verdade, tomado a partir do conceito de *origem* e de suas consequências para a reflexão histórica de Benjamin. Para tanto, pretendo voltar à sua tese de doutorado sobre o Romantismo alemão com o intuito de ressaltar aquilo que nela pode contribuir para uma compreensão mais exata do alcance do fenômeno de *origem*.

No estudo sobre a obra dos românticos de Iena, centrado sobretudo na figura de Friedrich Schlegel, Benjamin enfatiza alguns aspectos que receberão uma roupagem muito própria em suas formulações epistemológico-críticas no prefácio ao livro sobre o drama trágico do século XVII, que passo doravante a me referir como *Trauerspielbuch*. Dentre eles, os conceitos de *reflexão* e *absoluto* se destacam neste contexto como noções-chave da abordagem que se pretende do texto “Sobre o conceito de história”.

A reflexão romântica aparece sob a pena de Benjamin como a forma própria do pensamento que, ao voltar-se sobre sua forma e tomá-la como seu conteúdo – o pensar da forma do pensar – desencadeia um processo infinito no qual o pensamento é levado a um profundo autoconhecimento. O fenômeno do qual partem os românticos é o simples pensar a si mesmo e, nesse sentido, o conhecimento não é tratado como a atividade de um sujeito sobre um objeto. Benjamin chega mesmo a dizer: “Como é possível conhecimento fora do autoconhecimento, i.e., como é possível conhecimento do objeto? Ele de fato não é possível.” (WB, 1993, p.61). Para os românticos o germe de todo conhecimento do mundo se encontra na reflexão infinita e, portanto, na si-mesmidade e no autoconhecimento. O pensamento que reflete sobre si mesmo é pensado em estreita unificação com o mundo, o que faz do conhecer a si mesmo um processo equivalente ao do conhecer o mundo. “Onde o pensamento do Eu não está unificado com o conceito de mundo, pode-se dizer que este pensar puro do pensamento do Eu só conduz a um eterno espelhar-se-a-si-mesmo, a uma séria infinita de imagens-reflexo que contém sempre o mesmo e nunca algo novo. Daí porque precisa-se do conceito de mundo: Auto-intuição e intuição do universo são conceitos intercambiáveis.” (WB, 1993, p.42). Aqui, portanto, é dada a tarefa suprema da reflexão: por exercer-se sobre uma essência



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

pensante que já contém em si todo o conteúdo da realidade de forma condensada e obscura, a reflexão deve desdobrar esse conteúdo infinitamente para que o conhecimento da realidade atinja seu ponto máximo de clareza. A reflexão é, assim, guiada pela tarefa de descobrir o conhecimento do mundo no autoconhecimento, bem como o autoconhecimento no conhecimento do mundo. Dito isso, claro se torna o fato de que o pensamento reflexivo não vagueia numa infinitude vazia e não pode, portanto, ser compreendido como uma infinitude de continuidade ou de sucessão pura e simplesmente. Ao contrário – e nisso reside uma grande contribuição romântica às ideias que Benjamin desenvolve posteriormente no *Trauerspielbuch* – a reflexão configura um processo infinito em termos de conexões. Tudo deve se conectar de uma infinita multiplicidade de maneiras, e somente nesse reconhecimento da pluralidade de conexões que subjaz a cada objeto é que podemos efetivamente conhecê-lo.

A realidade não forma um agregado de mônadas fechadas em si que não podem ter nenhuma relação real umas com as outras. Pelo contrário, todas as unidades no real, fora o absoluto, são apenas relativas. Elas estão tão pouco fechadas em si e privadas de ligação que, antes, podem via *intensificação de sua reflexão*, incorporar mais e mais ao próprio autoconhecimento outras essências, outros centros de reflexão. Nomeadamente, a coisa, na medida em que aumenta a reflexão em si mesma e abrange em seu autoconhecimento outras essências, irradia sobre estas seu autoconhecimento originário. Desta maneira, o homem pode tornar-se partícipe daquele autoconhecimento de outras essências. Portanto, tudo aquilo que se apresenta ao homem como seu conhecer de uma essência é o reflexo nele do autoconhecimento do pensar nesta mesma essência.

(WB, 1993, p.62)

Nesse ponto, Benjamin ressalta uma dimensão mística por trás da teoria do conhecimento romântica que, curiosamente, guarda uma profunda semelhança com as ideias centrais de seu texto “Sobre a linguagem em geral e a linguagem dos homens”². Este flerte com uma terminologia mística, mais evidente no âmbito da teoria romântica da tradução e de uma concepção do mundo como Escritura³, revela uma visão mágica da linguagem em que “a linguagem original relacionava o homem diretamente com um conhecimento total e com a natureza. A queda equivale ao início da ‘confusão’, do caos,

² Considerado expoente de uma época mais marcadamente místico-teológica de Benjamin, esse texto (*Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen*) lança mão de uma leitura muito própria do Gênesis, em que o homem é pensado “à imagem e semelhança de Deus” em função da dimensão propriamente criadora da linguagem, em que o ato de nomear faz com que a essência da coisa nomeada se expresse de maneira imediata no nome. Esse recurso ao relato bíblico, no entanto, não serve ao intento de pensar uma situação originária de harmonia mas, tão somente, ao intento de pensar a linguagem em sua dimensão essencialmente significativa, em detrimento da leitura que a subordina ao aspecto meramente comunicativo.

³ Como muito bem fundamentado por Márcio Seligmann-Silva, 1999, p.23 seq.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

da não-compreensão e, portanto, da necessidade de se interpretar – e traduzir – o mundo e as palavras” (Seligmann-Silva, 1999, p.24). A ideia subjacente a todo o esforço infinito do procedimento reflexivo de buscar restaurar a máxima significação das coisas pela possibilidade infinita de conexões poderia ser dita, portanto, como sendo a de se aproximar de um ideal de compreensão do mundo que foi absolutamente interditado ao pensamento quando da Queda. Essa seria a linguagem originária sobre a qual os românticos sempre se voltam, e a reconquista desse acesso direto à essência da coisa e, mais que isso, a recuperação da harmonia entre homem e mundo, seria o grande ponto motivador para o estabelecimento disso que os românticos chamam de “linguagem artificial”. Ela é necessária porque a linguagem natural, cujo uso é meramente comunicativo, representa uma linguagem decaída, parcial, imperfeita e, por isso, deve ser superada por uma linguagem artificial capaz de reconquistar para o conhecimento a essencialidade do mundo que foi perdida juntamente com a linguagem originária ou, como o diz Benjamin, “adamítica”. O essencial desta concepção do conhecimento como restauração do acesso ao núcleo significativo do mundo, possível apenas pelo estabelecimento de uma linguagem artificial, pode ser apontado como a consciência de que a única relação que nos resta com a verdade é inteiramente dependente de um esforço de construção do mundo como objeto de conhecimento verdadeiro e não apenas como objeto de percepção. Há uma consciência aguda de que a verdade não é dada imediatamente no mundo – não mais – mas deve ser buscada num esforço infinito e incansável de restauração, de reabilitação e principalmente de construção de uma dimensão verdadeiramente significativa.

Sob o olhar de Benjamin, o *absoluto* romântico aparece como lócus da ação da reflexão, como o palco em que as essências fragmentadas são dispostas de forma completamente livre para estabelecerem infinitas conexões. Nesse sentido, o absoluto configura um medium-de-reflexão, ou seja, ele é o meio em que toda espécie de regra associativa é suspensa a favor de um processo fortuito e desordenado de conexões. Só pode ser restaurado aquilo que foi destruído. Assim, o absoluto é o meio em que tudo aquilo que foi desmembrado e dissolvido pela ação da reflexão pode se aproximar da restauração de sua significação originária e verdadeira. O grande alcance do conceito de *absoluto* para o pensamento de Benjamin, portanto, pode ser obtido, em primeiro lugar, na possibilidade de se pensar uma instância que permita à filosofia um curso intermitente, cíclico, casual, no qual a reflexão possa surgir de um ponto qualquer,



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

indiferenciado, e assim se dirigir para outro igualmente indeterminado. O absoluto como medium-de-reflexão permite ao pensamento um movimento contínuo e infundável que, ao contrário das filosofias que buscam no conceito seu termo, sua conclusão, refaz o seu movimento infinitas vezes e de formas as mais variadas. Em suma, o conceito de *absoluto* preserva a possibilidade de que a filosofia seja “apresentação da verdade”, tal como Benjamin prescreve nas primeiras linhas do prefácio ao *Trauerspielbuch*. Como diz exemplarmente Gagnebin,

insistir sobre a expressão em linguagem da filosofia acarreta também, no Prefácio ao livro sobre o drama barroco, uma separação nítida entre dois aspectos, geralmente unidos ou confundidos, do pensamento filosófico: filosofia como conhecimento (*Erkenntnis*) e filosofia como apresentação (*Darstellung*) da verdade. [...] O conhecimento científico que se orienta pelo modelo matemático e geométrico e que deveria, segundo a tradição cartesiana, também servir de paradigma à filosofia, esse conhecimento se caracteriza pelo ideal de “eliminação do problema da apresentação”. (Gagnebin, 2007a, p. 88).

Em segundo lugar, no entanto, na concepção sistemática desenvolvida na *Athenäum*⁴ em que a arte figura como o medium-de-reflexão absoluto, o *absoluto* que tem na arte o seu meio poderia muito bem ser corporificado como história. Segundo o próprio Schlegel, “a arte, criada a partir do impulso da aspiração da espiritualidade, conecta esta em formas sempre novas com o acontecer do conjunto da vida do presente e do passado. A arte liga-se não a acontecimentos singulares da história, mas a sua totalidade” (*apud* WB, 1993, p.50). Nesse sentido, o *absoluto*, enquanto medium que abarca sob si a totalidade das conexões, representa a possibilidade de que algo acontecido no momento presente se conecte livremente a algum evento passado e, portanto, que a ressignificação advinda dessa ligação adquira uma importância histórica que poderia, eventualmente, ser representada na conexão entre a França revolucionária de Robespierre e a Roma Antiga. É precisamente neste ponto que se torna importante recobrar o conceito de *origem*.

No prefácio ao *Trauerspielbuch*, a *origem* surge como uma espécie de ponto de chegada do que Benjamin caracteriza como o método próprio da escrita filosófica, a saber, o da apresentação da verdade. Para compreender como a *origem* configura esta espécie de *ideia idealíssima* do método, no entanto, é preciso entendê-la na esteira de um pensamento reflexivo e intermitente – assim como Benjamin define o próprio movimento de constituição da ideia – mas, além disso, é preciso situá-la no

⁴ Título de uma revista literária fundada pelos irmãos Schlegel em 1798.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

contexto de uma transfiguração do tempo histórico em um *tempo absoluto*, tal como podemos perceber em sua exposição sobre o pensamento romântico. Tornemos isso mais palpável: “Se a apresentação se quiser afirmar como o método próprio do tratado filosófico, terá de ser apresentação das ideias. A verdade, presentificada no bailado das ideias apresentadas, furta-se a toda e qualquer projeção no domínio do conhecimento”. (WB, 2004, p.15)⁵. Em sua existência empírica, os fenômenos não podem ser imediatamente transpostos para o reino das ideias, mas, antes, precisam primeiramente sofrer a ação destruidora dos conceitos. Ao implodir e transformar o fenômeno em um amontoado de elementos constitutivos dispersos, os conceitos conseguem abrigar os fenômenos sob as ideias, “pois as ideias não se apresentam em si mesmas, mas apenas e exclusivamente através de uma organização dos elementos coisais no conceito.” (*Idem*, p.20). O móbil dessa apresentação da verdade “como caminho não-direto [...], pensamento que volta continuamente ao princípio, regressa com minúcia à própria coisa” parece guardar uma intenção surpreendentemente similar àquela da reflexão romântica: desmontar a totalidade aparente das coisas para que elas, dispersas e desordenadas em seus elementos constitutivos, possam estabelecer livremente infinitas conexões, e buscar as infinitas significações possíveis do objeto como sua verdade. Nesse sentido a comparação com o mosaico é bastante elucidativa: “A relação entre a elaboração micrológica e a escala do todo, de um ponto de vista plástico e mental, demonstra que o conteúdo de verdade (*Wahrheitsgehalt*) se deixa apreender apenas através da mais exata descida ao nível dos pormenores de um conteúdo material (*Sachgehalt*).” (*idem*, p.15). As ideias são, assim, uma espécie de constelação em meio à qual gravita, na forma de estrelas, o fenômeno fragmentado em múltiplos elementos. “A estrutura da verdade exige um modo de ser que, na sua ausência de intenção, se aproxima do modo de ser simples das coisas, mas lhes é superior pela sua consistência e permanência.” (*Idem*, p.22). Por que, então, falar da *origem* como uma *ideia idealíssima*, como uma espécie de ideia mais ideal? Enquanto categoria histórica, a *origem* (*Ursprung*) se distingue claramente da gênese (*Entstehung*) pelo do fato de não designar, como esta, o devir de algo que surgiu mas, antes, uma espécie de salto para fora do processo cronológico do devir e da corrupção. Assim, a *origem* aparece também como uma categoria estrutural, que cristaliza o momento histórico da gênese e absorve

⁵ Tradução de *Darstellung* alterada de “representação” para “apresentação” de acordo com a argumentação apresentada em GAGNEBIN, 2005.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

sua configuração da mesma forma como “o recém-nascido pode ser concebido [...] em um estado de perfeita adequação à configuração atual do cosmo.” (WB, 1986, p.334). Nesse sentido, a *origem* atua como um ponto de imantação em torno do qual gravita todo o material produzido pela gênese, o que significa dizer que em toda *origem* aquilo que constitui o fenômeno como seus elementos são necessariamente confrontados com a configuração histórica da qual são frutos, e a carregam consigo como marcas indeléveis de sua existência histórico-temporal. “Em todo fenômeno originário tem lugar a determinação da figura através da qual uma ideia permanentemente se confronta com o mundo histórico, até atingir a completude na totalidade da sua história. A origem, portanto, não se destaca dos dados factuais, mas tem a ver com a sua pré- e pós-história.” (WB, 2004, p.32). Dessa determinação da *origem* podemos, então, extrair a consequência de maior efeito sobre o conceito de história que Benjamin desenvolverá mais contundentemente nas “Teses sobre a história”, qual seja, a de que toda apresentação da verdade que surge dos pormenores materiais do objeto com tamanha essencialidade que se revele como *origem*, apresenta as ideias – e, portanto, a própria verdade – como mônada.

O aprofundamento da perspectiva histórica em tais investigações não conhece, em princípio, limites, quer no que se refere ao passado, quer ao futuro: dá à ideia a sua dimensão de totalidade. A sua estrutura, marcada pela totalidade, em contraste com o seu inalienável isolamento, é monadológica. A ideia é uma mônada. O ser que nela penetra com sua pré- e pós-história mostra, oculta na sua própria, a figura abreviada e ensombrada do restante do mundo das ideias. [...] A ideia é uma mônada – isso significa, em suma, que cada ideia contém a imagem do mundo. A tarefa imposta à sua apresentação é nada mais nada menos que a do esboço dessa imagem abreviada do mundo. (WB, 2004, p. 34).

A noção de *origem* aparece como um conceito particularmente importante para a reflexão sobre a história, portanto, porque permite apreender o “tempo histórico em termos de intensidade e não de cronologia”. (Gagnebin, 2004, p.18). Essa apreensão intensiva do tempo no objeto transforma-o em uma totalidade, em uma “imagem abreviada do mundo”. Ao mesmo tempo, o retira da causalidade histórica linear, na qual o significado de um determinado fenômeno é compreendido somente enquanto este estabelece conexões lógicas com os fatos anteriores e posteriores. O objeto é, assim, transportando para uma outra espécie de temporalidade, uma temporalidade *absoluta*, em que ele se vê absolutamente livre para estabelecer infinitas conexões temporais,



explodindo o contínuo da história em uma atividade infinita, “até que a plenitude do passado seja trazida para o presente como uma *apocatástase*.” (Gagnebin, 2006, p.287).

Precisamente nesse ponto temos a ligação mais frutífera com o texto sobre a história, feita pelo conceito de *redenção*. Segundo Benjamin, “o passado leva consigo um índice secreto pelo qual ele é remetido à redenção” (WB, 2005, tese 2) uma vez que “só à humanidade redimida o seu passado tornou-se citável em cada um dos seus instantes.” (*Idem*, tese 3). A redenção messiânica aparece como índice da liberdade que o sujeito histórico tem de, no presente, evocar o passado de maneira livre das amarras causais e das significações habituais conferidas pelos “vencedores de turno” (tese 7). “O mesmo salto [de tigre em direção ao passado] sob o céu livre da história é o salto dialético, que Marx compreendeu como sendo a revolução” (tese 14). A redenção aparece, portanto, como a possibilidade de ler os eventos históricos como fenômenos de *origem*, em que seus elementos se confrontam com sua configuração histórica no lócus do *tempo absoluto* de forma a evocar não apenas as significações possíveis mas, sobretudo – e nisso reside o caráter propriamente revolucionário dessa postura – os apelos e os anseios que foram soterrados pelo avanço da história. A redenção messiânica, justamente porque destrói “esse tempo indiferente e infinito que corre sempre igual a si mesmo, que passa engolfando o sofrimento, o horror, mas também o êxtase e a felicidade” (Gagnebin, 1994, p.96), funda a verdadeira “chance revolucionária na luta por um passado oprimido.” (tese 17). Nisso consiste a “frágil força messiânica à qual o passado tem pretensão” (tese 3).

O presente concebido como mero componente da linearidade histórica, responsável por mediar a passagem do momento passado para o futuro, tem uma função simplesmente lógica no desenrolar histórico e nada mais é que o tempo que Benjamin caracteriza nas *Teses sobre o conceito de História* como o “tempo homogêneo e vazio”. À historiografia sem qualquer armação teórica, que se baseia na concepção do tempo como uma cronologia linear, em que os fatos se encaixam por mera sucessão e, por mera progressão, são colocados em relação de causalidade, Benjamin opõe a concepção da história como objeto de construção “cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado pelo tempo-de-agora”. (tese 14). Este tempo cheio de *agoras* é precisamente o objeto dessa construção monadológica que “resume a história de toda a humanidade numa prodigiosa abreviação” (tese 18) ao se



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

deter em uma constelação cujos elementos se conectam de uma maneira demasiado tensa. Nessa imobilização do pensamento, segundo Benjamin, o materialista histórico “reconhece o signo de uma imobilização messiânica dos acontecimentos” (tese 17).

A redenção é caracterizada como o momento em que o tempo é bruscamente interrompido “para permitir ao passado esquecido ou recalado surgir de novo e ser assim retomado e resgatado no presente”. (Gagnebin, 2006, p.294). Da mesma forma, a *origem* é caracterizada como o momento em que o surgimento de algo interrompe o fluxo intenso e traz à tona seus elementos sobrepostos, como numa imagem. “O que é próprio da origem nunca se dá a ver no plano do factual, cru e manifesto. O seu ritmo só se revela a um ponto de vista duplo, que o reconhece, por um lado, como restauração e reconstituição, e por outro como algo de incompleto e inacabado.” (WB, 2004, p. 32). Nesse sentido, se ousarmos estabelecer uma relação mais essencial entre a *redenção* tal como aparece nas “Teses sobre o conceito de história” e a *origem* em sua dimensão estrutural, podemos dizer que, enquanto o procedimento da *origem* se dá por uma reflexão intensa e intermitente sobre os pormenores materiais do objeto, o procedimento da *redenção*, diferentemente, se dá pela *rememoração*: “Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo. Importa ao materialismo histórico capturar uma imagem do passado como ela inesperadamente se coloca para o sujeito histórico no instante do perigo.” (tese 6). Somente essa apropriação do passado, que não é nem volta arcaizante a um tempo perdido, nem reencontro imediato com o acontecido mas, ao contrário, reapropriação que é igualmente abertura para o novo, que a verdade pode se apresentar no discurso em curto-circuito da história. E, assim, “a exigência de rememoração do passado não implica simplesmente a restauração do passado, mas também uma transformação do presente tal que, se o passado perdido aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja, ele também, retomado e transformado.” (Gagnebin, 1994, p.16).

Bibliografia:

BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften.* Herausgegeben von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972-1985. Band I-1.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

_____. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão.* Tradução Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1993.

_____. *On the mimetic faculty.* Tradução de Edmund Jephcott, Editora Schocken Books, Nova York, 1986.

_____. *Origem do drama trágico alemão.* Tradução João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvin, 2004.

_____. Sobre o conceito de história. En: *Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas v. I.* Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Teses sobre o conceito de história. En: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. Tradução das teses de Jeanne-Marie Gagnebin. São Paulo: Boitempo, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *História e narração em Walter Benjamin.* São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. Nas fontes paradoxais da crítica literária. Walter Benjamin relê os românticos de Iena. En SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.) *Leituras de Walter Benjamin*, São Paulo, Anna Blume, Fapesp, 2007.

_____. Da escrita filosófica em Walter Benjamin. En SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.) *Leituras de Walter Benjamin*, São Paulo, Anna Blume, Fapesp, 2007a.

_____. Do conceito de Darstellung em Walter Benjamin ou verdade e beleza. En *Revista Kriterion*, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, Dec. 2005.

_____. “Über den Begriff der Geschichte” von J-M.G. En: LINDNER, Burkhardt; KÜPPER, Thomas; SKRANDIES, Timo. *Benjamin-Handbuch: Leben, Werk, Wirkung.* Stuttgart; Weimar: Verlag J.B. Metzler, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Ler o livro do mundo. Walter Benjamin: romantismo e crítica poética.* São Paulo: FAPESP: Iluminuras, 1999.